

## As narrativas de viagem de uma educadora publicadas no jornal *A Nação* (1934)<sup>1</sup>

Jussara Santos Pimenta<sup>2</sup>

### Resumo

O interesse histórico-educativo pelos “diários de bordo” reside nas referências culturais e educativas neles presentes, dependendo dos motivos da viagem, do que desperta a atenção do viajante e das habilidades que ele desenvolve para então descrevê-la. Diante disso, elegemos a narrativa de viagem de Cecília Meireles a Portugal como uma das fontes para a elaboração desse texto. Colecionadas no álbum intitulado “Diário de Bordo”, as crônicas foram publicadas no jornal *A Nação*, do Rio de Janeiro, entre os meses de outubro e dezembro de 1934. Nele, a poeta e educadora registrava cronologicamente os fatos e acontecimentos cotidianos do navio seguindo o que é previsto para um diário de viagem: uma sucessão de textos mais ou menos extensos, escritos enquanto uma ação se desenvolve, com certa frequência e regularidade. Interrogando a narrativa, procuramos sinais que fossem suficientes para entender onde e em qual momento o diário deixa de ser apenas um relato dos fatos ocorridos durante a viagem e que serão transmitidos aos leitores do jornal *A Nação* para se tornar autobiográfico ou autorreferencial, tecendo os sentidos, as impressões e as expectativas da travessia num claro entrelaçamento da vida profissional com a esfera íntima da educadora.

**Palavras-chave:** Diário de viagem. Escrita autobiográfica. Cecília Meireles.

### 1 Considerações iniciais

O interesse histórico-educativo nos “diários de viagem” ou “diários de bordo” reside, segundo Viñao (2000), nas referências educativas e culturais presentes nos mesmos, dependendo dos motivos da viagem, do que desperte a atenção do viajante e da habilidade que o mesmo tem em descrevê-la. Por esse motivo, a literatura de viagem se tornou um dos gêneros mais conhecidos e utilizados no âmbito da educação comparada, além de ser uma das fontes histórico-educativas mais empregadas, sendo a característica autobiográfica, *el de ser un testimonio directo de lo visto, oído y vivido*, o que mais mobiliza os investigadores.

---

<sup>1</sup> Versão ampliada do artigo publicado nos Anais do VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica CIPA - de 16 a 19 de novembro de 2014, no Rio de Janeiro (RJ).

<sup>2</sup> Doutora em Educação, docente do PPGEE/MEPE/UNIR, Depto. de Ciências da Educação - Campus Porto Velho - RO. e-mail: jussara.pimenta@unir.br

Diante disso, nada mais natural que elegêssemos a narrativa da primeira viagem de Cecília Meireles a Portugal como uma das principais fontes para a elaboração deste trabalho. Colecionadas em um álbum intitulado “Diário de Bordo”, as crônicas escritas no transcorrer da viagem foram publicadas no jornal *A Nação*, do Rio de Janeiro, entre outubro e dezembro de 1934. Nele, a poeta e educadora registrava em sentido cronológico os fatos e acontecimentos cotidianos do navio seguindo o previsto para um diário de viagem: uma sucessão de textos mais ou menos extensos, escritos enquanto uma ação se desenvolve com certa frequência e regularidade (VIÑAO, 2000).

Interrogando essa narrativa, procuramos sinais que fossem suficientes para entender onde e em que momento o seu diário deixa de ser apenas o relato dos fatos ocorridos durante a travessia e que seriam transmitidas aos seus leitores do jornal *A Nação* para se tornar autobiográfico ou autorreferencial, tecendo os sentidos, as impressões e as expectativas da travessia num claro entrelaçamento da vida profissional com a esfera íntima da autora.

Os textos, todos gentilmente cedidos pela família da educadora, até o momento não foram objeto de análise dos pesquisadores, permanecendo praticamente inéditos, e culminaram na elaboração da tese de doutoramento defendida em junho de 2008. O período pesquisado do jornal *A Nação* não se encontra disponibilizado no *site* da Hemeroteca Nacional da Biblioteca Nacional, assim como também não é possível a consulta física ou a obtenção de versões microfilmadas. Dezenas de recortes de jornais impressos portugueses e brasileiros também puderam ser encontradas nesse álbum entre os quais temos: *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, *Diário da Manhã*, *Diário de Coimbra* e de revistas como *Sempre Fixe*, *Portugal Feminino*; de revistas e jornais brasileiros como *A Tarde*, *A Vanguarda*, *Jornal do Comércio*, *Diário de Notícias*, *Diário Português* e *Festa*, respectivamente. Essa coleção de extratos de periódicos oferece ao pesquisador uma panorâmica da cobertura que a imprensa portuguesa e brasileira empreendeu sobre as atividades desenvolvidas por Cecília durante a sua permanência em Portugal. Para concretizar esse itinerário, o texto buscou suporte teórico-metodológico nos estudos de Viñao (2000), Miceli (1994), Chartier (1994), entre outros.

## 2 Narrativas de bordo

Em agosto de 1934, Cecília Meireles e seu marido Correia Dias embarcaram para uma viagem de 22 dias que os levaria até Portugal a convite da poeta e educadora Fernanda de Castro, esposa do diretor do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) António Ferro, para ministrar conferências sobre o que vinha sendo feito no âmbito educacional brasileiro e, particularmente, no Distrito Federal. Cecília nutria um carinho especial por aquele país: tinha raízes portuguesas e aquela era também a terra natal do seu marido. Ademais, tinha amigos e pares literários que alimentavam a circulação epistolográfica por sobre o Atlântico. A poeta e educadora também evidenciava nos seus trabalhos de maior destaque a necessidade de uma aproximação mais efetiva entre os dois países, seja em instância literária e jornalística, seja através de ações desenvolvidas e articuladas na “Página de Educação” e no Centro de Cultura Infantil do Pavilhão Mourisco, inaugurado dias antes do embarque para Portugal. Dentro dos acordos firmados por ela e Correia Dias antes de sua partida, ficou estabelecido que os dois publicariam relatos e imagens da travessia no jornal carioca *A Nação*, numa coluna intitulada “Diário de Bordo” integrada às “Crônicas Semanais” do suplemento literário que circulava aos domingos. As crônicas escritas por Cecília Meireles a bordo do “Cuyabá” – um navio do Lloyd Brasileiro que os transportou durante os 22 dias do trajeto do Rio de Janeiro até Lisboa – vão revelando algumas de suas impressões sobre a viagem. Qual é o teor dessas crônicas? Quais aspectos autobiográficos estão entremeados aos relatos do cotidiano da embarcação? Quais foram os sentidos desse relato para a educadora? Que objetivos e o que pretendia levar e/ou trocar com os seus interlocutores? Quais eram as suas expectativas?

O termo “diário”, em um sentido mais amplo, significa segundo Houaiss (2001) um tipo de escrito *em que se registram os acontecimentos de cada dia*. No comércio o “diário” é um livro de uso obrigatório e nele são anotadas, *dia a dia, todas as operações ativas e passivas do comerciante, e em que se lança, nos períodos próprios, o resultado do balanço*. Na literatura é um tipo específico de obra em que o

autor *relata cronologicamente fatos ou acontecimentos do dia-a-dia, consigna opiniões e impressões, registra confissões e/ou meditações*. A palavra remete, ainda, a um livro *em que se registram, dia a dia, a rota de uma embarcação, as distâncias percorridas, as ocorrências da viagem* e essa, talvez, seja uma das significações mais popularizadas do termo. Em seu turno, Cecília registrava cronologicamente os fatos e acontecimentos do cotidiano do navio na coluna trazendo para os leitores as suas impressões, reflexões e expectativas de viagem. O seu relato, portanto, enquadra-se em mais de uma das significações propostas por Houaiss (2001) e também pode ser considerado como narrativa autobiográfica, dentro dos parâmetros definidos por Viñao (2000).

Ainda que não se possam fixar os limites do gênero autobiográfico, ficando a critério do investigador, de acordo com a função que ele busque, do enfoque que adote e dos limites do seu trabalho, o “diário” pode ser considerado, segundo esse autor, um tipo de escrita autobiográfica ou autorreferencial. O diário é uma sucessão de textos mais ou menos extensos, escritos enquanto uma ação se desenvolve, com certa frequência e regularidade, possui diversas modalidades, serve a propósitos variados e pode ser encontrado sob a forma de diários íntimos, burocráticos, de campanha, de navegação, de viagem e escolares.

De acordo com Olney (1980 *apud* MORAES, 1998, p.7), até meados do século XIX eram mais comuns nos diários modernos os relatos de autoria masculina. Questões relacionadas a gênero e acesso à educação estão profundamente relacionadas à precária difusão da escrita feminina, tanto que as autoras dos primeiros diários femininos de que temos ciência no campo da pesquisa ainda não vinham de todo e qualquer *background* social antes da popularização do ensino para mulheres. Em termos gerais, a narrativa presente nos diários se confundia com a própria vida, sendo uma espécie de “cópia do eu”, constituindo-se a partir dos aspectos de classe e outras dimensões do vivido implicadas na trajetória biográfica do sujeito:

[...] era parte da identidade e da construção da pessoa, era uma obra em processo, cuja forma dependia dos rumos que a vida fosse tomando. Diferentemente do romance, que cria um mundo ficcional, e de uma autobiografia, que olha para trás a partir de um ponto fixo, o diário representa um tempo presente contínuo acompanhando uma história de vida imprevisível e imponderável (MORAES, 1998, p.7).

Em seu trabalho, Moraes (1998) afirma que *o surgimento, as características e as motivações históricas e sociais da produção dos diários* são importantes dados para os quais se faz necessário atentar quando se trabalha com essas fontes. Assim, é possível entender e observar como as características vão sendo transformadas ao sabor do tempo, das motivações históricas e sociais daqueles que os elaboram. Pode-se observar através deles que o caráter intimista e privado que possuíam até o início século XX foi substituído na atualidade pela sua publicização: hoje é cada vez mais comum escrever memórias e lembranças com o intuito de divulgá-las, sobretudo nas redes sociais. De espaço de fuga do cotidiano, onde *os relatos e a recordação de experiências eram comuns, espaço subjetivo* que permitia o *autoexame*, o relato de *grandes acontecimentos*, a exaltação de *qualidades e valores*, além de *estimular o aprimoramento pessoal e demonstrar capacidade de autocontrole*, os diários da atualidade se prestam, quase sempre, *a uma maior interação com a esfera pública* (MORAES, 1998, p.7).

No caso dos relatos de viagem, Viñao (2000) atenta para o fato de que só em sentido amplo eles podem ser considerados autobiográficos, uma vez que em muitos deles o autor fala muito pouco ou quase nada de si mesmo e, quando o faz, limita-se a narrar o que viu ou o que aconteceu. Se os “diários” podem ser considerados um tipo de escrita autobiográfica, também os “diários de viagem” podem ser integrados a essa categoria:

Si se considera autobiografía, no siempre adecuadamente, la narración de algo vivido o acaecido al autor del texto en cuestión, ¿cómo no considerar los libros de viajes una modalidad más de dicho género, aunque las referencias a sí mismo sean mínimas? ¿No se consideran autobiografías aquellas obras en las que, bajo este título u otros, el autor da cuenta de sus recuerdos aunque éstos se refieran total o parcialmente a personas sin relación en el mismo o a acontecimientos en los que no tuvo participación? (VIÑAO, 2000, p. 88).

O interesse histórico-educativo dos “diários de viagem” ou ainda “diários de bordo” reside, segundo o autor, nas referências educativas e culturais presentes nos mesmos, como já foi dito acima, dependendo também do que desperta a atenção do viajante, das motivações de sua viagem e das competências que o mesmo aciona e/ou desenvolve ao longo do trajeto para descrevê-la. O relato de Meireles apresenta duas facetas: é o *relato de viagem*, o texto do visto e ouvido, mas é também a *narrativa*

*íntima* que se constrói como testemunho do sentido, das angústias, dos medos, das alegrias, dos projetos pessoais e das expectativas.

Refletindo sobre os relatos contidos nos diários de viagem, Carvalho (2007, p. 177) considera que o *objetivo de relatar e dar publicidade ao relato* determina a iniciativa de viajar, o roteiro da viagem e, conseqüentemente, o seu registro. As viagens que têm por objetivo a propaganda, expansão e fortalecimento de um movimento requerem que o viajante utilize o relato como uma forma de divulgar a causa que defende e de arregimentar adeptos para batalhar por ela.

Podemos pensar na viagem de Cecília na perspectiva formulada por Carvalho (2007), uma vez que a educadora tinha como proposta contribuir para a difusão do movimento escolanovista, particularmente do que vinha sendo construído no Distrito Federal a partir das reformas de Fernando de Azevedo (1927-1930) e Anísio Teixeira (1931-1935). Por outro lado, não podemos pensar o relato da educadora apenas sob essa ótica, uma vez que o mesmo não tinha esse objetivo estrito, apesar de vez por outra Cecília entremostrear as suas inquietações e aspirações educacionais através dele.

Os relatos presentes no jornal *A Nação* não podem ser considerados diários íntimos por não terem como meta essencial *contribuir para a construção da identidade pessoal de sua autora* (MORAES, 1998, p.7). O objetivo de maior destaque era relatar experiências e narrar tanto o cotidiano do navio quanto os contatos estabelecidos durante os embarques e desembarques sem, entretanto, estar descartado o que é comum aos poetas: pensar a travessia em perspectiva simbólica – ora subjetivando os contatos, ora tecendo reminiscências e sentimentos – a partir de uma escrita poética e profundamente criadora. À educadora também cabia inserir nesses relatos as suas ideias pedagógicas, leituras, experiências e expectativas em relação ao mundo novo que se descortinava a bordo com a passagem do tempo.

Para Nunes (2007, p. 144), toda viagem é uma experiência educativa e, *"mesmo quando planejada, traz sempre um componente de incerteza e de inquietação com a própria condição humana"*. Para a autora, quando *"comparamos experiências, pensamentos, estilos, atitudes e obras, nós também avaliamos o que sabemos e o quanto ainda ignoramos"*. Nesse sentido, a viagem sempre é uma sucessão inédita de

experiências que faz com que aprendamos "*tanto o que nos é estrangeiro, como o que em nós é próprio, singular e exclusivo*". Refletindo sobre esse aspecto, Ianni (1996) acrescenta muito oportunamente que:

toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras, tanto dissolvendo-as como recriando-as. Ao mesmo tempo que demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca semelhanças, continuidades e ressonâncias. Tanto singulariza como universaliza... sob vários aspectos, a viagem desvenda alteridades, recria identidades e descortina pluralidades (IANNI, 1996, p. 3).

O longo percurso e o desconhecido que é trazido dia após dia até o desembarque em Portugal vinte e dois dias depois impõem à viajante uma necessidade de pensar, num sentido comparativo, sua própria condição humana, as suas certezas e incertezas, o que conhece e o que ignora, sendo chamada a aprender em cada momento com o novo e com o que já é sabido. As crônicas destacam impressões sobre o navio, as acomodações, os passageiros, a tripulação e os serviços de bordo. Das cidades portuárias em que o navio atraca destacou o casario, os costumes, as compras, os restaurantes e os cinemas que frequentam nas poucas horas que permanecem em terra firme. A viajante traz em seu relato o que a impressiona e fascina: os hábitos, costumes e tradições dos habitantes das cidades portuárias brasileiras, sem esquecer o tom poético inerente ao seu trabalho descritivo:

A madrugada no porto de Recife parece uma pintura. Uma pintura de vidro. O céu todo enfeitado de púrpura, de carmim, de dourado e de verde. O mar com barras de vários tons, que deslizam da esmeralda à safira com todas as gradações e a transparência das pedras preciosas. A abundância de embarcações, e as sua variedade sugere-me visões de portos do Mediterrâneo. A água ondula com uma deliciosa graça. O vento do amanhecer vai-se encostando em cada coisa e rindo (MEIRELES, 1934, p.2).

O “Diário de Bordo” permite que reflitamos sobre as representações encontradas ao longo dessa narrativa de viagem e identifiquemos as formas como Cecília Meireles percebia a si mesma e aos *outros*, bem como os acontecimentos vivenciados ao longo da travessia. A iniciativa de utilizar o texto do “Diário de Bordo” em busca das representações de Cecília naquele contexto parte da compreensão de que todo o texto traz em ação subjacente os valores do autor e do seu universo cultural, uma vez que um indivíduo integrado ao contexto sociocultural é detentor de dimensões que podem originar as diversas representações presentes na obra: intelectual, artística,

educativa, econômica e de gênero. As “representações” do mundo social *embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão*, de acordo com Chartier (1990), são sempre determinadas pelos interesses compartilhados pelos grupos que as elaboram, ou seja, aquelas que os grupos modelam a respeito de si próprios e dos outros. Para o autor, é sempre importante nos lembrarmos de que os discursos não são neutros, uma vez que se originam de *percepções do social produzindo estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas* (CHARTIER, 1990, p.17).

As representações vão se inserindo, portanto, *em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação*, dando origem às “lutas de representações” que são tão importantes, conforme o autor, como as lutas econômicas para a compreensão *dos mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os seus valores e o seu domínio* (CHARTIER, 1990, p.17). Como sujeito produtor e receptor de cultura, Cecília Meireles inscreve em sua obra os usos e costumes da sociedade de seu tempo e o faz, de acordo com Chartier (1990), entre práticas e representações. Em uma crônica intitulada “Ainda os museus”, de 1952, Cecília afirmava que tudo quanto tinha aprendido, se é que tinha aprendido, representava uma silenciosa conversa entre seus olhos e os vários assuntos que se colocaram diante deles – ou diante dos quais eles se colocaram. Esse aprendizado resultava das inúmeras viagens que pudera fazer até aquela data. Para a educadora, viagens eram também uma forma de meditar. A viagem no estatuto de *temática* perpassa toda a sua obra: tanto a poesia quanto a prosa (MEIRELES, 1998, p. 291-293).

Assim, nada mais natural que fôssemos buscar também no “Diário de Bordo”, que é sua narrativa de viagem, o relato autobiográfico da educadora alinhavado às impressões do cotidiano. Podemos conceber o relato da coluna como uma “prática cultural”, na perspectiva estabelecida por Chartier (1990), já que se trata de um *locus* privilegiado onde encontramos muitas das concepções que povoaram o mundo de Cecília. São concepções que revelam seu universo cultural e as representações que a

viajante tecia sobre si mesma, sobre os outros e sobre diversos contextos, bem como sobre o cotidiano do navio e seus passageiros. Ao narrar essas experiências de viagem, Cecília Meireles marca sua presença no cenário cultural em um determinado tempo e espaço, então devemos estar atentos para o fato de que, como todos os outros, seu relato é intencional e está relacionado aos projetos, desejos e expectativas que se desenvolvem no presente vivido. Vale lembrar, como sugere Miceli (1994), que os relatos não representam a totalidade das experiências vividas pelos viajantes, contendo *apenas vestígios selecionados para compor seus lances mais notáveis e marcantes* (MICELI, 1994, p.37).

No “Diário de Bordo” estão registradas tanto as práticas culturais de Cecília e dos passageiros do navio como as representações que a educadora tem desse universo cultural em particular e que permeavam o seu horizonte intelectual. Partindo do princípio de que os livros, como qualquer outra produção artística, de certa forma espelham o mundo interior e exterior de quem o escreve mesmo quando se tratam de trabalhos ficcionais, podemos encontrar ao longo de toda a produção intelectual de Cecília Meireles as suas representações sobre as mais diversas temáticas. A autora pontuava em sua narrativa diversas situações em que podemos detectar as representações que os passageiros têm – e não as aspirações em relação à viagem. Ela confrontava situações, atitudes e comentários dos passageiros e a partir desses contrastes é possível vislumbrar as categorizações que faz e distinguir quem é quem: o *viajante*, o *artista*, o *esnobe*, etc., como eles se comportam e que atitudes têm diante dos longos dias passados em viagem. Ela fazia, de forma genérica, uma oposição de certas categorias de passageiros: os capitalistas que investiam numa exibição de *sua imponência na mole preguiçosa do convés* (MEIRELES, 11/11/1934); os indolentes, que quase não se animavam a sair dos camarotes; os intelectuais, que viviam *mergulhados em romances e poesias* (MEIRELES, 11/11/1934); os esnobes, que exibiam suas joias e seus privilégios de classe; os *temperamentos esportivos* que se atiram *à piscina até a hora do jantar e dançam, dessa hora em diante* (MEIRELES, 30/09/1934); os ativos e ambiciosos que fazem apostas de pôquer no bar; e os impertinentes *neurastênicos de bordo*, que incomodavam-se com os barulhos do navio e com o bombo da orquestra (MEIRELES, 1934). Essas representações de Cecília

revelam as concepções de quem transita pelos meios intelectuais e propõem uma leitura mais ampla do mundo. Ainda assim, o relato é de certa forma intransigente porque não se atenta para os equívocos, as contradições, os lugares de fala e ainda as tensões sociais, por exemplo, entre os ricos e esnobes descritos na crônica do dia 26 de setembro de 1934:

Este é um ambiente superficialmente homogêneo, mas com profundas diversidades individuais, e como, além disso, a bondade e a modéstia humanas são qualidades raras de encontrar, é natural que muito sorriso destes contenha uma certa dose de veneno e dentro destes olhares esteja sempre um raio de perversa malícia espreitando e ferindo. Os homens, criaturas de índole pacífica em tais assuntos, estão organicamente fora de semelhantes cogitações. Mas as mulheres! As mulheres!... Com que refinada astúcia procuram sonsamente analisar os vestidos e as joias umas das outras, e ver se são de pedras falsas ou verdadeiras, e descobrir se pintam ou não os cabelos, se possuem algum dente postiço, e a idade que rigorosamente tem! (MEIRELES, 11/11/1934).

O retrato da população do navio foi pintado com traços e imagens que procuravam convencer o leitor quanto a seu posicionamento social e político cristalizando representações, discretas ou explícitas, sobre o que seria o contexto social do navio. Através de tais imagens, a educadora projeta-se como intelectual e também como artista ao mesmo tempo em que se distancia dos passageiros comuns. Para ela, os sentidos da viagem são outros. Não se confundem com os objetivos dos outros passageiros. Além disso, suas crônicas não estão a serviço do meramente descritivo, mas prestam-se, sobretudo, às suas experiências mais profundas. O teor lírico, poético e intimista da sua narrativa atinge o auge quando o navio distancia-se do arquipélago de Fernando de Noronha, na madrugada do dia 30 de setembro. Cruzam no dia seguinte, por volta do meio-dia, a linha do Equador, ocasião festejada pelos passageiros, mais tarde, com um pequeno baile no tombadilho. Horas depois, o navio se afasta definitivamente da costa brasileira.

Já não teremos nenhum porto brasileiro onde estacionar. Princípio a sentir este desprendimento da terra que vai formando a saudade, tênue alimento da distância. Princípio a ficar nesse estado de lirismo que os leitores já estão sentindo aí na frase anterior. Não serve para nada. Mas que se há de fazer? Vai-se indo, pela noite, apenas...! (MEIRELES, 1934).

Cada vez mais distantes ficavam, também, os interesses e preocupações da viajante. As amizades, a família, o jornal e o trabalho na biblioteca infantil eram apenas vestígios que iam recuando na névoa. Cecília Meireles procurava inteirar-se dos segredos e particularidades da navegação marítima e aprendia a contemplar-se *todos os dias nas coordenadas da carta de bordo: tanto graus para cima, tantos graus para oeste... – assim, vamos avançando milha a milha, sobre o mar, milímetro a milímetro sobre o mapa...!* (MEIRELES, 2/12/1934). São dois instantes distintos na viagem e nas crônicas. Num primeiro momento, as crônicas do “Diário de Bordo” trazem as questões relativas à realidade mais imediata da educadora, ainda que mescladas àquelas ligadas às inquietações do espírito. Aqui a surpresa de cada porto, mais à frente a inquietação da jornalista e educadora que procurava conhecer, questionar e saber mais sobre os costumes, o povo e a educação de cada cidade em que o “Cuyabá” aportava. Ela discorre sobre os acontecimentos do navio, traz para os leitores algumas percepções aliadas às suas experiências pessoais e profissionais. Na segunda parte da narrativa, há um predomínio das evocações da poeta, o que coincide com o fato de o navio deixar definitivamente a costa brasileira. As crônicas tornavam-se cada vez mais confessionalistas e, por isso, desconectadas da realidade profissional. Os problemas vivenciados no plano profissional ficam relegados ao esquecimento. Os longos dias passados entre o céu e o mar conferem certa angústia à viajante e fazem com que ela vá relatando o seu fascínio e a sua predileção pelo oceano:

Eu, que trouxe para ler um livro de Carlos Vega, “Água”, - não consigo passar da primeira página, justamente pelo excesso de água que me envolve. Prefiro rodar sozinha pelo tombadilho, mirando o mar e o céu, sentindo o sopro do vento nos mastros, quando tremem cordas, escadas e roldanas e se sente esta fragilidade altiva do navio que desliza na solidão azul, só com a presença do céu e do mar. Pela manhã, despontam céus rosados, com nuvens de gaze trêmula, que o sol vai desfolhando, ao surgir. O mar é ainda todo feito de sombra, com o resto da noite adormecido no fundo. Depois, vai tudo brilhando e ganhando transparência e cor. O meio dia deslumbra. A água dissolve safiras e diamantes. O céu tem uma nitidez de porcelana. E o vento vai levando a fumaça do navio, que tanto se desdobra no céu como no reflexo das ondas. Começa, então, a refrescar no boreste, e em bombordo o convés se enche de sol. O crepúsculo tem sido vivo de cores e rico de nuvens. Um instante o sol fica rente às águas, invertido nelas. Depois cai para dentro. Some-se, como se o mar o bebesse. Penso na impressão dos homens primitivos diante desse desaparecimento da luz. E imagino que a primeira viagem pelas águas talvez fosse para descobrir onde ao certo morava o sol (MEIRELES, 2/12/1934).

### 3. Considerações finais

As primeiras impressões num ambiente estranho são sempre superficiais, mas o que elas perdem em profundidade elas ganham em amplitude. As observações do ambiente, das pessoas, das situações, dos cenários de interação e das negociações de sentidos ali vividos são inicialmente ricas. Cecília detém-se em descrever detalhadamente cada situação vivenciada: às vezes em perspectiva comportamental, às vezes pelos comentários entreouvados. Há uma forte expectativa no ar. Que surpresas aguardavam aqueles viajantes? Como serão vividos (e vívidos) os 22 dias da travessia do Atlântico? Os desembarques trouxeram a oportunidade de contatarem parceiros do mundo jornalístico, literário e educacional. Afora isso, a viajante deslumbrou-se, a cada dia, com os cenários desenrolados aos seus olhos e à sua percepção de poeta. As cidades, que conhecia apenas por relatos, vão se mostrando e desvelando a cada desembarque: Vitória, Salvador e Recife. Se as paisagens foram colecionadas pela pena do marido Correia Dias, também não passavam despercebidas aos olhos da viajante. A travessia do Atlântico intensifica as expectativas. Não há mais cidades. Os companheiros de viagem já não representam nenhuma surpresa. A rotina instala-se.

Em mim, porém, acostumada, em terra, a uma vida extremamente ativa, este lugar de bordo desperta uma força de curiosidade que traz ao campo do meu repouso as solicitações dos motivos novos que surgem. Nem precisa haver terra à vista. O mar é, por si mesmo, uma novidade diferente, a cada instante. Ver a noite mudar-se em dia; ir descobrindo as cores encobertas na sombra, trazendo-as para o céu e para as águas; sentir a curva das ondas projetar-se da quilha, e quebrar-se em milhares de madrepérola; assistir à elevação do sol, acompanhando a forma e o destino das nuvens; respirar o odor agudo do vento, que dispersa um chuvaire finíssimo de espuma; depois com o crescimento do dia seguir a transformação de tudo: do céu que compõe sua tonalidade; do mar que parece mais elástico, mais denso e mais nítido; do vento que equilibra sua força retesa, por fim, saber que tudo recolhe novamente os seus aspectos, que outra vez se ocultam cores e formas, na sombra imensa em que apenas o corpo do mar se move e em que só as estrelas se distinguem, – a vida universal e a humana se refletem nessa sucessão de imagens. E quem souber viajar preservando das tentações da superficialidade as virtudes contemplativas que, por acaso, possui, terá realizado uma experiência espiritual que dificilmente se conseguiria noutras condições (MEIRELES, 30/9/1934).

Segundo Cecília, quando se está a bordo os problemas da terra perdem o sentido. O ouvido e o visto talvez já não importem tanto. O vivido está vívido e

preenche todos os espaços. O subjetivo é imperioso e transparece em cada linha escrita. Ela fala de si mesma, dos seus medos, dos seus sonhos e de suas angústias. E também das pequenas alegrias. Deixa exposto o seu interior que a imensidão do mar despreza. As vagas do mar desdenham a realidade humana e afogam o espírito, assim como fazem ao corpo. *Para que viver? Para que pensar? Para que fazer alguma coisa, no centro destas águas enormes, entregues ao seu destino cósmico, muito maior que o nosso?* (MEIRELES, 11/11/1934).

### **An educator's travel narratives published in the newspaper *A Nação* (1934)**

#### **Abstract**

The historical and educational interest in the “log books” lies in the cultural and educative references present in them, also depending on the purposes of the journey, on what rouses the traveler’s attention and on the abilities that are developed in the description processes. In such we elected the travel narrative of Cecília Meireles on her way to Portugal for the discussion brought in this work. Compiled in an album known as “Diário de Bordo”, the chronicles were published in the newspaper “A Nação”, from Rio de Janeiro, between October and December of 1934. In her journal, the poet and educator registered the facts and daily events of the ship with a chronological sense following what should be expected from a travel journal: a succession of more or less extensive texts written as an action is in development with some frequency and regularity. Questioning the travel narrative, this work sought signs that could be sufficient to the understanding of where and when the travel journal stops being just a report on the events occurred during the trip so the readers of “A Nação” could learn about them and becomes an autobiographic or self-referential writing – weaving senses, perceptions and expectations related to the travel in a clear intertwining of the educator’s working life and intimate sphere.

**Keywords:** Travel journal. Autobiographical writing. Cecília Meireles.

### **Relatos de viaje de un educadora publicados en el diario *A Nação* (1934)**

#### **Resumen**

El interés histórico-educativo por los “diarios de viaje” o “libros de a bordo” reside en las referencias culturales y educativas presentes en ellos, dependiendo también de lo que motiva el viaje, lo que despierta la atención del viajero y las habilidades que el mismo desarrolla y/o activa para entonces describirla. Por lo tanto, hemos elegido a la narrativa del viaje de Cecília Meireles a Portugal como fuente importante para la elaboración de este trabajo. Compilados en un álbum intitolado “Diário de Bordo”, las crónicas escritas a lo largo de la travesía fueron publicadas en el periódico “A Nação”, de Río de Janeiro, entre los meses de octubre y diciembre de 1934. En él, la poeta y educadora registraba en sentido cronológico los hechos y acontecimientos diarios de la nave siguiendo lo que es previsto en un diario de viaje: una sucesión de textos más o menos extensos, escritos mientras una acción se desarrolla, con cierta frecuencia y regularidad. Cuestionando la narrativa, buscamos indicaciones que fueran suficientes para entender

adónde y en qué momento el diario deja de ser un mero relato sobre los eventos dados en el viaje y que serán transmitidos a los lectores de “A Nação” para tornarse escritura autobiográfica o autorreferencial, tejiendo los sentidos, las percepciones y las expectativas de la travesía en un claro entrelazamiento de la vida laboral y la esfera íntima de la educadora.

**Palabras clave:** Diário de viaje. Escritura autobiográfica. Cecília Meireles.

## Referências

- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A bordo do navio, lendo notícias do Brasil: o relato de viagem de Adolphe Ferrière. In: MIGNOT, A. C., GONDRA, J. G. *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 277.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel / Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Coleção Memória e Sociedade, 1990. p. 17.
- Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Versão 1.0 – Dezembro de 2001.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Diário pessoal, autobiografia e fontes orais: a trajetória de Pierre Deffontaines. In: INTERNATIONAL ORAL HISTORY CONFERENCE (10.: 1998: Rio de Janeiro, RJ). *Oral history challenges for the 21st century: proceedings [of the] X International Oral History Conference /Eds. Ilana Strozemberg...[et al]*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV/Casa Oswaldo Cruz, 1998. v.1. p.379-386.
- IANNI, Otávio. A metáfora da viagem. In: *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, ano 90, v. 90, n. 2, mar./abr. 1996. p. 3.
- MEIRELES, Cecília. Ainda os museus. In: MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Viagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v.1, 1998. p. 291-293.
- MEIRELES, Cecília. Diário de Bordo. *A Nação*, Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1934, p. 2. “Suplemento Literário”. (escrito em 02/10/1934 e publicado juntamente com o relato dos dias 03 e 04 de outubro de 1934).
- MEIRELES, Cecília. Diário de Bordo. *A Nação*, Rio de Janeiro, 11/11/1934, p. 2. “Suplemento Literário”. (escrito em 26/09/1934 e publicado juntamente com o relato do dia 27 de setembro de 1934).
- MEIRELES, Cecília. Diário de Bordo. *A Nação*, Rio de Janeiro, 11/11/1934, p. 2. “Suplemento Literário”. (escrito em 26/09/1934 e publicado juntamente com o relato do dia
- MEIRELES, Cecília. Diário de Bordo. *A Nação*, Rio de Janeiro, 1934, p. 2. “Suplemento Literário”. (escrito em 28/09/1934 e publicado juntamente com o relato do dia 29 de setembro de 1934).
- MEIRELES, Cecília. Diário de Bordo. *A Nação*, Rio de Janeiro, 1934, p. 2. “Suplemento Literário”. (escrito em 30/09/1934 e publicado juntamente com o relato do dia 01 de outubro de 1934).

MEIRELES, Cecília. Diário de Bordo. *A Nação*, Rio de Janeiro, 1934. (sem data). p. 2. “Suplemento Literário”.

MEIRELES, Cecília. Diário de Bordo. *A Nação*, Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1934, p. 2. “Suplemento Literário”. (escrito em 10/10/1934 e publicado juntamente com o relato do dia 11 de outubro de 1934).

MICELI, Paulo. *O ponto onde estamos: viagens e viajantes na história da expansão e da conquista*. São Paulo: Página Aberta, 1994. p. 37.

NUNES, Clarisse. Anísio Teixeira na América (1927-1929): Democracia, diversidade cultural e políticas públicas de educação. In: MIGNOT, A. C., GONDRA, J. G. *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 144.

PIMENTA, J. S. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934)*. 2008. 374 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

VIÑAO, Antonio. Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. *Teias: Revista da Faculdade de Educação da UERJ*, 2000, n. 1, p. 88.

---

*Recebido em novembro de 2015.*

*Aprovado em dezembro de 2015.*